

A HETEROGENEIDADE TIPOLÓGICA NO GÊNERO DISCURSIVO REPORTAGEM POLICIAL

Marlene Silva Sardinha GURPILHARES

Pamella Leticia Justino César BANZATTI

Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA

Resumo: Neste artigo, ressalta-se a importância do estudo dos gêneros jornalísticos, especificamente a reportagem. O seu conteúdo desenvolve a compreensão deste gênero discursivo enfatizando a heterogeneidade tipológica e priorizando o tipo descritivo. Essa pesquisa fundamenta-se na estrutura externa e interna da reportagem, ressaltando três categorias: exposição, complicação e resolução. Os dados para essa pesquisa foram extraídos de uma reportagem policial e tem por objetivo identificar três tipos textuais: narração, descrição e argumentação. A reportagem é dividida em três partes e em seguida é explicada a função de cada uma. Conclui-se que a reportagem policial apresenta realmente a heterogeneidade tipológica, conforme objetiva essa pesquisa.

Palavras-chave: Heterogeneidade tipológica. Reportagem policial. Gêneros jornalísticos. Superestrutura.

THE TYPOLOGICAL HETEROGENEITY IN THE POLICE NEWS REPORTING DISCOURSIVE GENRE

Abstract: This research underscores the importance of the study of journalistic genres, specifically the report. The content develops the understanding of gender discourse emphasizing the typological heterogeneity and giving priority to the descriptive type. This research is based on the internal and external structure of the report, emphasizing three categories: exposition, complication and resolution. Data for this study were drawn from a police report and aims to identify three text types: narration, description and argumentation. The report is divided into three parts and then the function of each is explained. We conclude that the police report has really typological heterogeneity, as this research aimed.

Keywords: Heterogeneity typological; Police Report; Journalistic genres.

LA HETEROGENEIDAD RELATIVO A LA TIPOLOGÍA EN LO GÉNERO DISCURSIVO REPORTAJE POLICIAL

Resumen: En esta pesquisa resaltase la importancia de el estudio de los géneros periodísticos, específicamente la reportaje policial. Lo su contenido desarrollase la comprensión de este género discursivo enfatizando la heterogeneidad relativo a la tipología y priorizando el tipo descriptivo. Esa pesquisa fundamentase en la estructura externa y interna de la reportaje, resaltando tres categorías: exposición, complicación y resolución. Los datos para ese trabajo fueron extraídos de una reportaje policial y tiene por objetivo identificar tres tipos textuales: narración, descripción y argumentación. La reportaje es dividida en tres partes y en seguida es explicada la función de cada una. Se concluye que la reportaje policial presenta realmente la heterogeneidad relativo a la tipología conforme objetiva ese trabajo.

Palabras-clave: Heterogeneidad relativo a la tipología. Reportaje policial. Géneros periodísticos.

INTRODUÇÃO

Queremos ressaltar, neste artigo, a importância do estudo dos gêneros jornalísticos, especificamente a reportagem, por proporcionar aos seus leitores, não só o contato com esse tipo de texto, mas também por mantê-los atualizados com fatos e eventos que ocorrem cotidianamente. Sabemos que a reportagem aborda, principalmente, fatos que são manchetes no dia a dia.

Por outro lado, conforme afirma Mendes (2005, p.77): "As notícias sobre crimes publicadas em jornais brasileiros são, conforme a pesquisa por mim efetuada em bancos de dados de bibliotecas universitárias, objeto de pouca atenção por parte dos pesquisadores em todas as áreas das Ciências Humanas".

Jornais bem conceituados, como Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, não se preocupam com esse tipo de notícia, enquanto jornais menos conceituados as divulgam mais, afirma a mesma autora.

Nessa perspectiva, essa pesquisa se **justifica**, ao **propor** um estudo com a reportagem policial, examinando a sua estrutura linguística, enfatizando a heterogeneidade tipológica na sua estrutura superficial, com prioridade para o tipo descritivo.

Como **referencial teórico** necessário à consecução desses objetivos, utilizam-se, entre outras, as obras:

a) Melo (1985); Kindermann (2003); Coimbra (2004) sobre reportagem.

b) Marcuschi (2007) e Bronckart (1999), sobre domínio discursivo, gêneros e tipos textuais.

O **corpus** selecionado para esse trabalho consta de uma reportagem policial, extraída do jornal "O Estado de S. Paulo", escolhido por ser um jornal de ampla circulação na classe média alta e por sua credibilidade na comunidade intelectual.

Para a análise do texto seguimos as etapas que se seguem:

a) assinalar com letras diferentes os tipos textuais;

b) segmentar os tipos, explicando a sua função, na reportagem;

c) relacionar os tipos às categorias da reportagem;

Com relação aos **procedimentos metodológicos** trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois utiliza dados bibliográficos e métodos úteis e necessários para identificar e explorar os significados dos tipos textuais introduzidos nas reportagens policiais. Possibilita estimular o desenvolvimento de novas compreensões sobre a variedade e a profundidade destes aspectos textuais e sociais, em que se envolvem vidas, opiniões e ideias de pessoas.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O GÊNERO JORNALÍSTICO

Segundo Melo (1985), a definição do gênero jornalístico está relacionada com o estilo e a maneira como a linguagem é utilizada para que a informação chegue até ao público. Sendo assim, os gêneros jornalísticos são formas que o jornalista busca para se expressar. E de acordo com o autor, o objetivo do jornalista não é o prazer estético, mas sim o relato da informação.

Para Folliet (apud KINDERMANN, 2003), o gênero jornalístico também se define com base no estilo, e as diferenças entre os gêneros surgem devido à relação que há entre os textos escritos e os gostos dos leitores. O autor expõe definições de gêneros jornalísticos de estudiosos da área, porém, elas ficam circunscritas apenas ao estilo, à maneira como a linguagem deve ser utilizada pelo jornalista ao escrever o texto jornalístico.

Ao se classificar um gênero com base no estilo - entendido pelo autor como formas de expressão do cotidiano - tal classificação limita-se a universos culturais delimitados.

Segundo Kindermann (2003), no Brasil, Beltrão (1985) foi o único a sistematizar os gêneros no âmbito do jornalismo brasileiro e classifica-os em três categorias.

Jornalismo informativo

- Notícia
- Reportagem
- História de interesse humano
- Informação pela imagem

Jornalismo interpretativo

- Reportagem em profundidade

Jornalismo opinativo

- Editorial
- Artigo
- Crônica
- Opinião ilustrada
- Opinião do leitor

Este critério adotado por Beltrão (1985) é funcional, pois está totalmente de acordo com as funções que desempenham junto ao público leitor, que são: informar, explicar e orientar. E, em relação à especificidade do gênero, Beltrão obedece ao senso comum da própria atividade profissional, não se atendo ao estilo, à estrutura narrativa e à técnica de codificação. Para Melo, não há razões para segmentar em dois gêneros distintos reportagem e reportagem em profundidade e tampouco em classificar em gênero, história de interesse comum, não a diferenciando da reportagem. E o autor acrescenta que o que vai caracterizar um gênero jornalístico não é o código, mas sim "[...] o conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público" (MELO,1985, p. 46).

Ainda, o autor propõe uma outra classificação dos gêneros jornalísticos adotando dois critérios: a intencionalidade, com duas vertentes, a reprodução do real e a leitura do real, se atendo à observação da realidade e à descrição do que interessa à instituição jornalística. Já no segundo critério, tem-se a análise da realidade e a avaliação.

Segundo Kindermann (2003), a necessidade que as pessoas têm de se informarem fez com que o jornalismo se articulasse em função da informação e da opinião. Por isso o relato jornalístico assume duas modalidades: a descrição dos fatos e a versão dos fatos.

A DUPLA FACE DO TEXTO

Segundo Coimbra (2004), o texto da reportagem possui dupla face: uma voltada para si, e outra voltada para dentro de si. A primeira face seria o texto enquanto estrutura aberta, ligada ao contexto extraverbal. Já a segunda face, seria o texto enquanto estrutura, cujos elementos estão internamente organizados. "No entanto, o texto é um "sistema concluído", um conjunto hierarquizado de configurações estruturais internas" (GUIMARÃES, 1990, apud COIMBRA, 2004 p. 15). Por essa face, ele é visto como uma estrutura, e a estrutura é, ao mesmo tempo, um conjunto, as partes deste conjunto e as relações que ligam essas partes. As partes, conforme o autor, são chamadas elementos, e as articulações são definidas por uma expressão indicadora de relações" (COIMBRA, 2004, p.7).

Para Guimarães (1990, apud COIMBRA, 2004), os elementos que compõem um texto integram uma determinada forma, num processo chamado por ela de "construção interativa", e passam a ter peso específico no conjunto. De acordo com a autora, construção, arranjo e sistema são sinônimos de estrutura e como veremos, esses componentes ora são chamados de elementos, ora de conceitos, ora de parte.

Segundo o mesmo autor, o texto só passa a existir, num processo global de comunicação e interação, quando o contexto das interferências externas a ele se completa com o de sua estrutura formal e do seu conteúdo temático. Isto é, quando o texto identifica-se com as regras de um sistema gramatical, como um ato influenciador do comportamento do receptor e, finalmente, como um ato responsável pelo efeito produzido no receptor. O texto jornalístico é um elemento que tem ligação com o contexto e é um instrumento, que poucas vezes é visto em sua realidade primeira: a de um texto.

A ESTRUTURA DA NOTÍCIA

Lage (1985, apud COIMBRA, 2004), preocupa-se apenas com o texto da notícia, o qual ele diferencia do texto da reportagem dizendo que, enquanto o primeiro cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, o segundo faz um levantamento de um assunto, conforme ângulo preestabelecido.

Já para Medina (1978, apud COIMBRA, 2004), o que distingue a notícia da grande reportagem é o cuidado com o fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar. A reportagem amplia uma simples notícia de poucas linhas, aprofundando-se o fato no espaço e no tempo.

Medina (1978, p.134) entende que:

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. A reportagem leva a um quadro interpretativo do fato.

Segundo Coimbra (2004), Lage, no início de seu estudo, define a notícia, do ponto de vista da estrutura, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante, e de cada fato a partir do aspecto mais importante ou interessante.

Numa notícia, os fatos estarão ordenados não por sua sequência temporal, mas pelo interesse ou importância decrescente. A importância de cada fato será comparada em função do fato principal da série. O lead informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, porque e para quê, a fim de conceber em seu modelo a estrutura completa do texto da notícia, à qual se integram o lead do primeiro parágrafo e outros parágrafos. Lage (apud Coimbra, 2004) acrescenta: primeiro, em numa notícia, o texto seguirá a ordem dos leads de acordo com a importância dos fatos e pode haver lead para cada um dos fatos da série. Desta forma, haverá o lead 1, para o fato mais importante da série, o lead 2, para o segundo fato em importância, etc. Segundo, cada um dos termos de cada lead (a resposta ao quê?; ou a

quem?; ou ao onde? etc.), pode ser desenvolvido em lugar distinto daquele onde está o lead, o que Lage chama de documentação. A documentação aparece em um, dois ou mais parágrafos e é o complemento do lead, pois detalha e acrescenta informações sobre cada um dos seus termos.

A ESTRUTURA DA REPORTAGEM

De acordo com Coimbra (2004), a reportagem reúne tantas informações, por absorver a abertura de espaços geográficos e as possibilidades de tempo objetivo e subjetivo ampliados pelo mundo contemporâneo, que se "atrapalha", quando tenta estabelecer a ordenação cronológica ou a chamada pirâmide invertida - a ordenação a partir do que é mais, para o menos importante no texto.

Já segundo Kindermann (2003), a reportagem, pode ser caracterizada em duas linhas gerais: (a) como uma notícia ampliada e (b) como um gênero autônomo. Desta forma, para a autora, a notícia não muda a sua essência, mas muda de caráter ao evoluir para reportagem. Para Bahia (1990), a reportagem é um tipo de notícia com regras próprias, que acaba adquirindo um valor especial. Pode-se entender que, o salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação - em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota - e se situa em detalhes, no questionamento de causa e consequência, na interpretação e no impacto, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética.

O mesmo autor divide a reportagem em: 1) título - corresponde ao anúncio do fato em si; 2) primeiro parágrafo, cabeça ou lead - corresponde ao clímax; e 3) desenvolvimento da história, narrativa ou texto - que corresponde ao restante da história, à narração dos fatos. Para o autor, as reportagens podem ser organizadas de diferentes formas: i) pirâmide; ii) ordem cronológica - acontecimento narrado de forma sequencial; iii) clímax - combina os elementos de maior significado com os de sequência temporal.

Segundo Coimbra (2004), quando a atenção se volta fundamentalmente para as estruturas internas de determinado texto, se estabelece uma tipologia de acordo com a sua

forma de estruturação e o texto pertence a três matrizes: dissertativa, narrativa e descritiva. Cada matriz é um tipo de esquema difícil de se compreender, que estabelece a ordem global de um texto e que compõe uma série de categorias, cujas possibilidades de combinação se baseiam em regras convencionais. Todavia, o autor busca alertar que estudar as matrizes separadamente, embora haja sempre num texto uma estrutura que prevalece, pode haver uma parte da outra estrutura, adquirindo, neste caso, uma certa "mistura textual". Ou seja, um texto que, mesmo sendo narrativo, por exemplo, conseqüentemente contém outras estruturas - a dissertativa e (ou) a descritiva.

Estudiosos de tipologia textual tratam a dissertação (para eles, a exposição), a narração e a descrição como processos de composição do texto. E é também considerado pelo autor como modelos de estrutura do texto da reportagem (COIMBRA, 2004, p. 11 e 12). Passamos a expor as três estruturas:

A) Dissertação

De acordo com Coimbra (2004), comecemos verificando qual o entendimento da palavra dissertação. O autor observa que os manuais de língua portuguesa não costumam diferenciar a dissertação da argumentação, no entanto, cada uma tem suas características próprias. A dissertação tem como objetivo principal expor ou explicar, interpretar ou interpretar ideias. Já a argumentação visa convencer, interpretar ou induzir o leitor.

Guimarães (1990, apud COIMBRA, 2004), lembra de uma classificação antiga para uma expressão - discurso argumentado - de caráter amplo, proposta prevista da relação argumentador/auditório. Como na reportagem dissertativa, a função de informar é essencial para convencer o leitor a aceitar a informação no contexto de um raciocínio que se afirma correto, é clara a presença nela de argumentação. Assim também para nós, dissertação e argumentação são sinônimos. E Guimarães conclui, a partir da teoria da argumentação: no discurso argumentado há um componente lógico que desempenha função essencial. Em outras palavras, o raciocínio depende também da pessoa (isto é, de sua situação social ou psicológica) a quem ele se destina.

A argumentação se apoia em dois elementos principais: a estabilidade do raciocínio e a evidência das provas. A evidência, considerada por Descartes como critério da verdade, é a certeza a que se chega pelo raciocínio ou pela apresentação dos fatos, independentemente de toda teoria. No entanto, só os fatos provam, sem eles toda declaração é gratuita e facilmente contestável. O pronunciamento "Fulano é ladrão" vale tanto quanto a sua contestação: "Não, fulano não é ladrão". E nenhum dos dois convence (GARCIA, 1969 apud COIMBRA, 2004 p. 27).

Os pronunciamentos se apoiam em especificações que são prova dos fatos. E segundo o autor, fato é a coisa feita, verificada e observada. E para que sirvam de provas, eles têm de ser observados com bastante cuidado. Fato não é indício. Os indícios expressam somente probabilidades ou possibilidades. "O que assim se declara a respeito desse Fulano é possível, é mesmo provável, mas não é certo porque não provado" (GARCIA, 1969, apud COIMBRA, 2004 p. 276).

O mesmo autor argumenta:

O mesmo fato presenciado por várias pessoas pode assumir proporções e versões das mais diversas. " Além dos fatos e testemunhos, são ainda evidências, de acordo com o autor, os exemplos - determinados tipos de fatos típicos ou representativos de certa situação; as ilustrações: exemplos que se alongam em narrativas detalhadas e alternadas de descrição; e os dados estatísticos. Com relação a estes últimos exemplos, pode-se dizer que têm grande valor de convicção quando se tornam incontestáveis, mas, frequentemente, servem tanto para provar como para refutar a mesma tese (p. 363).

B) Narração

Segundo Coimbra (2004), o modelo de estrutura (ou de superestrutura) da narração pode ser representado, por três categorias: exposição, complicação e resolução.

O texto narrativo exibe uma dimensão temporal: os comportamentos que nele se processam têm relações mútuas de anterioridade e de posterioridade. Sua característica fundamental, no entanto, é a sua referência primordial a ações de pessoas, às quais ficam submetidas as descrições de circunstâncias e de objetos.

Segundo Guimarães (1990, apud COIMBRA, 2004) o fato de as características do texto descritivo tradicionalmente relacionarem-se com a narração e a dissertação não significa que ele não possa se adequar a um esquema organizacional.

Toda descrição comporta os seguintes aspectos: um tema-chave que enuncia a sequência descritiva, uma série de sub-temas e expansões predicativas (atribuições de qualidades, de ações, aos sub-temas). E o texto descritivo, por sua característica estrutural de expansão ou digressão, quando situado dentro da estrutura do texto narrativo, serve para retardar o relato de determinado acontecimento (GUIMARÃES, 1990 apud COIMBRA, 2004).

E de acordo com Coimbra (2004), é sobretudo, através da comunicação face a face, possibilitada pelas entrevistas, que o jornalista observa as pessoas que se tornarão personagens de seus textos. Há, portanto, uma dualidade - pessoa/personagem - diante da qual o jornalista é permanentemente obrigado a conviver sempre. E isso corresponde à dupla dimensão do seu trabalho - a de repórter, captador de informações do mundo real, e a de redator, estruturador de textos. Essa dualidade se intercomunica, graças aos mesmos fatores pelos quais o texto, como vimos, tem uma dupla face: uma voltada para o mundo real, outra para a sua organização interna. Se o que está fora do contexto verbal escrito é transportável para dentro dele, podemos usar conceitos criados para classificar elementos da comunicação face a face, como elementos da estruturação do texto descritivo de pessoa.

REPORTAGEM X NOTÍCIA

Segundo Kindermann (2003), a matéria-prima do jornalismo é a notícia, mas depois de divulgada, pode ser comentada, interpretada e pesquisada. Para a mesma autora (2003) notícia não é tudo o que acontece. Ela deve ser recente, verdadeira,

objetiva, deve ser publicada de forma sintética, dando a noção correta do assunto focalizado.

No entanto, para Lage (1993, apud COIMBRA, 2004, p. 16), a notícia é definida como: "[...] um relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante, e de cada fato, a partir do espaço mais importante ou interessante". A notícia cuida da cobertura de um fato ou uma série de fatos enquanto que a reportagem faz um levantamento de um assunto. O autor define a reportagem como "[...] um gênero jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos".

O autor acrescenta ainda, que a notícia e a reportagem distanciam-se a partir do projeto de texto - pauta. As pautas para as notícias decorrem de fatos programados, da continuação de eventos ocorridos, dos quais se espera o desdobramento. E também diz que "[...] os assuntos estão sempre disponíveis, podendo ou não serem atualizados por um acontecimento". Quanto à pauta da reportagem, deve indicar a maneira como o assunto vai ser abordado, o tipo e a quantidade de ilustrações, o tempo de apuração, o tamanho e estilo da matéria, os deslocamentos da equipe. Lage distingue, ainda, a reportagem da notícia, através do estilo. A reportagem tem o estilo menos rígido, havendo a possibilidade, em alguns casos, de o repórter poder usar a primeira pessoa. A linguagem também é mais livre. Acrescenta que há reportagens em que a investigação e o levantamento de dados é predominante, também há outras em que o que predomina é a interpretação. Sobre a reportagem interpretativa, diz que "[...] a autoria é importante, a reportagem essencialmente interpretativa está a um passo do artigo" (LAGE, 1986, p. 48).

Há duas razões básicas, de acordo com Lage (1979, apud COIMBRA, 2004), para a confusão entre reportagem e notícia. A primeira refere-se à polissemia da palavra reportagem que pode ser entendida como gênero jornalístico ou como nome dado à seção das redações que tanto produz, indistintamente, reportagens e notícias. A segunda razão é a importância dada à estrutura da notícia na indústria da informação: "[...] frequentemente, a reportagem na imprensa diária é escrita com critérios de nomeação, ordenação e seleção similares aos da

notícia, e apresentada com diagramação idêntica" (LAGE, 1979, p. 35 apud COIMBRA, 2004). A notícia fixa o momento presente, enquanto que a reportagem abre o momento para um acontecer atemporal ou menos presente.

No manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo, o verbete reportagem é definido como podendo ser a essência de um jornal, diferenciado da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia descreve o fato, e, no máximo, seus efeitos e consequências. Já a reportagem parte da notícia, desenvolvendo uma sequência investigativa. Apura as origens do fato, razões e efeitos. A notícia não esgota o fato, enquanto que a reportagem "[...] abre o debate sobre acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes e divide-o, quando se justifica, em retrancas diferentes que poderão ser agrupadas em uma ou mais páginas" (1990, p. 254). Observa-se, também, que pela definição de reportagem dada por esse manual, a reportagem de turismo, por exemplo, não seria reportagem, porque não parte de uma notícia. Também reportagens cujos temas relacionam-se a comportamentos, a tendências, a modas, por exemplo estariam à parte dessa definição. Já no manual de redação da Folha de São Paulo, o verbete notícia, além de ser definido como registro dos fatos, ainda acrescenta que é sem opinião. Ainda nesse manual, a exatidão é o elemento-chave da notícia. Quanto ao verbete reportagem, possibilita várias interpretações. Vem definido como "{...} o relato de acontecimento importante, feito pelo jornalista que tenha estado no local em que o fato ocorreu ou tenha apurado as informações relativas a ele. A reportagem é o produto fundamental da atividade jornalística" (p.42).

Segundo este manual, a reportagem deve conter a descrição do fato, com exatidão, e ainda a opinião de especialistas, caso seja possível, diferentemente da posição assumida por Bahia (1990), ao afirmar que a reportagem deve expor as circunstâncias sem tomar partido. O manual de redação e estilo O Globo (1992) traz a reportagem como tipo de texto, podendo ser tanto a cobertura de um fato do dia que causa impacto, como também a abordagem exaustiva de um tema sem ligação direta com o dia da edição. Percebe-se aqui, novamente, o termo reportagem tanto referindo-se à notícia (fato) como a outros fenômenos de fundo (a evidência de um comportamento, a apresentação de um fenômeno, etc.)

Com relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois utiliza dados bibliográficos e métodos úteis e necessários para identificar e explorar os significados dos tipos textuais introduzidos nas reportagens policiais. Possibilita estimular o desenvolvimento de novas compreensões sobre a variedade e a profundidade destes aspectos textuais e sociais, em que se envolvem vidas, opiniões e ideias de pessoas.

ANÁLISE DE CORPUS

O corpus selecionado para esta pesquisa consta de uma reportagem policial, extraída do jornal "O Estado de S. Paulo".

A escolha desse jornal se justifica pela sua importância e aceitabilidade pela comunidade intelectual do país. Por outro lado, tratando-se de um gênero jornalístico, é muito importante para a formação cultural do ser humano, sendo legítima a sua utilização em sala de aula.

Como nossa análise está focada nas tipologias textuais, apresentamos algumas considerações sobre gêneros e tipos textuais.

Conforme o título deste trabalho, consideramos a reportagem policial como um gênero discursivo, constituído por uma heterogeneidade tipológica: narração, descrição e argumentação.

A fim de ratificar nossa proposta tecemos algumas considerações sobre gêneros e tipos textuais.

É consenso entre os estudiosos dessa área a importância dos gêneros discursivos na comunicação humana. Nessa perspectiva, afirmamos que a língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, privilegiando, portanto, a sua natureza funcional e interativa.

Para uma maior compreensão do problema da distinção entre gêneros e tipos textuais sem grande complicação técnica, trazemos a seguir uma definição que permite entender as diferenças com certa facilidade. Essa distinção é fundamental em todo o trabalho com a produção e a compreensão textual. Entre os autores que defendem uma posição similar a aqui exposta estão Jean-Paul Bronckart (1999) e Jean Michel Adam (1978), entre outros.

Vejamos aqui uma breve definição das duas noções:

(a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

(b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante (MARCUSCHI, 2007).

Outra noção importante, proposta pelo mesmo autor, é a de domínio discursivo:

Usamos a expressão domínio discursivo para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos.

Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas (p. 24 e 25).

Quanto aos tipos textuais é importante salientar que os gêneros se realizam a partir de tipos textuais.

Assim, um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo). Veja-se o caso da carta pessoal, que pode conter uma sequência narrativa (conta uma historinha), uma argumentação (argumenta em função de algo), uma descrição (descreve uma situação) e assim por diante.

Para a análise do texto selecionado, levamos em consideração, de acordo com Coimbra (2004), que o gênero discursivo "reportagem policial" apresenta uma superestrutura narrativa, com as seguintes categorias: exposição, complicação e resolução.

Para Labov e Waletzky, apud Bronckart (1999), a categoria inicial chama-se situação inicial, que apresenta um estado de coisas equilibradas, seguindo-se a complicação que introduz uma perturbação e cria uma tensão, por isso considerada a mais importante.

Com base no exposto, consideramos que na reportagem policial a descrição do crime é a complicação, ou seja, o ponto de motivação da reportagem.

Portanto, é nessa linha de pensamento que passamos a analisar a reportagem selecionada para essa pesquisa, com base na superestrutura proposta por Coimbra (2004).

Reportagem : Tráfico mata 6 jovens em chacina no RJ *Clarissa Thomé* / RIO

Jornal: O Estado de S. Paulo

Data: 11 de Setembro de 2012

Caderno: Cidades

Folha: 04

Os tipos textuais, assinalados com letras diferentes

a) descrições - letras em negrito

b) narrações - letras em itálico

c) argumentações - letras em Mingliu

Os corpos de seis jovens foram encontrados na manhã de ontem, em um canteiro de obras da duplicação da Rodovia Presidente Dutra, em Mesquita, na Baixada Fluminense. Os rapazes não tinham envolvimento com o tráfico de drogas. Eles estavam desaparecidos desde sábado, quando saíram de casa para tomar um banho de cachoeira no Parque de Gericinó. Para a polícia, a chacina foi cometida como uma "demonstração de força" de traficantes que atuam na Favela da Chatuba, perto do parque.

Amigos de infância e moradores de Nilópolis, cidade da Baixada Fluminense, os jovens costumavam ir ao parque nos fins de semana. No sábado, com a demora dos rapazes, o pai de um deles tentou fazer contato pelo celular. O telefone foi atendido por um homem que disse estar "cumprindo uma missão". Em outra ligação, o criminoso disse que ele "deveria fazer outros filhos", porque "aquele já era".

O desaparecimento foi registrado na 57ª Delegacia de Polícia (Nilópolis). As vítimas são Christian Vieira, de 19 anos; Victor Hugo Costa, Douglas Ribeiro e Glauber Siqueira, de 17; e Josias Searles e Patrick Machado, de 16.

Na manhã de ontem, os corpos foram achados por operários que trabalham na duplicação da Dutra. Os jovens foram colocados lado a lado. Estavam nus, amarrados e amordaçados, enrolados em lençóis. Foram mortos a tiros e a facadas.

Barbárie. Para a delegada Sandra Ornelas, da Delegacia de Nilópolis, os jovens estavam "no lugar errado, na hora errada". "Eles não têm passagens pela polícia. Foi uma demonstração de poder dos traficantes para demarcar território", disse a delegada, que classificou o crime de "barbárie injustificável".

O irmão de um dos adolescentes contou ao site de notícias G1 que a família chegou a ir à Favela da Chatuba, para negociar com traficantes a liberação dos jovens. Foram avisados de que os rapazes haviam sido confundidos com "os alemão", gíria para traficantes 22 de facção rival. O rapaz contou que não houve represália ou ameaça dos criminosos aos parentes dos garotos.

Investigações. *Ontem, policiais militares do Batalhão de Choque (BPChoque) prenderam dois homens com drogas, na operação realizada no Parque de Gericinó para tentar encontrar os assassinos dos adolescentes e checar a informação de que haveria outros corpos no local.*

Os presos foram Romário Aguiar Vieira, de 18 anos, e Henrique José de Oliveira, de 32 anos. Não havia a informação, até as 19h de ontem, de que os detidos estivessem envolvidos nos crimes do parque.

A FUNÇÃO DOS TIPOS TEXTUAIS

a) Descrições

a1 - 1º parágrafo - linhas: l1/ l2/ l3/ l4: "Os corpos...drogas": descreve o aparecimento dos corpos num canteiro de obras da duplicação da Rodovia Presidente Dutra, na Baixada Fluminense;

a2 - 3º parágrafo - l18/l19: "Estavam...facadas": descreve a aparência física e os instrumentos usados para o crime;

b) Narrações

b1 - 1º parágrafo - l4/l5: "Eles...Gericinó": relata a cronologia dos fatos, desde o desaparecimento dos jovens, no sábado, quando saíram de casa para tomar banho na cachoeira no Parque de Gericinó.

b2 - 2º parágrafo - l8/l9/l10/l11: "Amigos de infância...disse": relata a cronologia, das ações desde a ida ao Parque, até o sábado, quando o pai de um dos adolescentes tentou contato pelo celular.

b3 - 3º e 4º parágrafo - l14/l15/l16/l17/l18: "O desaparecimento...lado": relata a cronologia das ações desde a denúncia do desaparecimento na 57ª Delegacia de Nilópolis até o achado dos corpos pelos operários.

b4 - 6º, 7º e 8º parágrafo - l25 a l36: "O irmão...crimes no parque": relata a cronologia das ações desde a ida de um dos irmãos de uma das vítimas à favela da Chatuba para negociar com os traficantes a liberação dos jovens. Foram avisados que os jovens haviam sido confundidos com membros da facção rival. Relata ainda a ação de policiais do Batalhão de Choque, ao prenderem dois homens com drogas para tentar encontrar os assassinos. Cita o nome dos presos, afirmando que até as 19h não havia informação sobre a culpabilidade deles.

c) Argumentações

c1 - 1º parágrafo - l5/ l6/ l7: "Para a polícia...parque": o texto emite um juízo de valor, ao considerar o crime como uma demonstração de força de traficantes;

c2 - 2º parágrafo - l11/ l12/l13: "...estar cumprindo...já era": ao afirmar que estavam cumprindo uma missão, ou afirmar que os pais deveriam "fazer outros filhos", porque "aqueles já eram", os traficantes estão ironizando.

c3 - 5º parágrafo - l20 a l24: "Para a delegada ... injustificável": a delegada, ao considerar o crime uma barbárie, uma demonstração de poder, emite um juízo de valor.

Concluindo essa análise, salientamos que:

a) das categorias propostas por Coimbra, para a reportagem: exposição, complicação e resolução, a mais importante é a "complicação", pois é ela que cria a tensão, que dá sequência ao relato;

b) na reportagem policial, a "descrição do crime" é a categoria mais importante, ou seja, a complicação. É possível afirmar que a descrição exerce um papel importante nesse gênero discursivo;

c) a categoria da exposição se manifesta por sequências narrativas;

d) a argumentação aparece em todas as categorias;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do "corpus" selecionado nos permitiu constatar que os objetivos propostos foram alcançados. Consideramos a reportagem um gênero textual, inserido no domínio discursivo: discurso jornalístico.

O gênero "reportagem policial", por sua vez, apresenta uma heterogeneidade tipológica - descrição, narração e argumentação - conforme **objetiva** essa pesquisa.

Por outro lado, foi possível comprovar a proposta de Coimbra (2004), que apresenta uma superestrutura para a reportagem: exposição, complicação e resolução.

Foi possível, ainda, verificar que as categorias se cruzam com os tipos textuais.

Exemplificando: a categoria da **complicação**, a mais importante, porque contém a tensão, que provoca o desenvolvimento do relato, é **expressa pelo tipo descritivo**. Na reportagem policial, a descrição do crime é a complicação, pois é o ponto de partida da reportagem.

No texto analisado a 1ª descrição anuncia o aparecimento dos corpos dos jovens, na rodovia Dutra. Outro trecho descritivo mostra o estado em que se encontravam os corpos.

A categoria da exposição é expressa pelo tipo narrativo, que tem por objetivo apontar a sequência cronológica das ações. Assim, no trecho "Eles estavam desaparecidos desde sábado quando saíram para tomar banho...", mostra a sequência das ações: no sábado saíram... e desapareceram.

Já o tipo argumentativo aparece em todas as categorias, conforme mostra a análise.

Concluindo, reiteramos que nossos objetivos foram alcançados, com destaque para os seguintes pontos:

- a) a descrição exerce importante função na reportagem policial, uma vez que ela expressa a complicação, a qual, nesse caso, é a descrição do crime, ponto de partida da reportagem;
- b) embora a narrativa seja uma sequência de ações cronológicas, no texto escrito as categorias não seguem, necessariamente, essa ordem;

Exemplificando - na análise dessa reportagem, temos no início a "complicação".

Concluindo, salientamos a importância da categoria "complicação" nesse gênero discursivo e enfatizamos o fato de sua posição no início do texto, divergindo de sua posição habitual, como segunda categoria.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean Michel. Quels types de textes. In: *Le Français dans le monde*. nº 192. Paris: Hachette - Larousse, 1978.

BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. 4. ed. São Paulo: Ática. 2v. v2: As técnicas do jornalismo, 1990.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ., 1999.

COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo: Ática, 2004.

KINDERMANN, Conceição. *A reportagem jornalística no jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero*. 2003. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

MARCUSCHI, L. Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. Paiva; MACHADO, A. Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora (Orgs.), *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENDES, I. S. Martins (2005): Um caso de polícia: as reportagens policiais em dois jornais impressos brasileiros, abordados à luz da análise crítica do discurso. In: SILVA, Denize Elena G. (Org.), *Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras*. Brasília: Edit. UnB, 2005.

O ESTADO de S. Paulo. *Manual de estilo e redação*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1990.

O GLOBO. *Manual de redação e estilo*. São Paulo: Globo, 1992.

O ESTADO de S. Paulo. *Reportagens policiais*. Caderno 04 / Cidades/ Metrôpole. São Paulo, 2012.

Marlene Silva Sardinha GURPILHARES

Doutora em Linguística Aplicada pela PUC/SP. Pesquisadora na FATEA (Faculdades Integradas Teresa D'Ávila). Professora de Leitura e Produção de Texto, nos cursos de Farmácia, Arquitetura e Enfermagem. Professora de Linguística, no Curso de Letras.

Pamella Leticia Justino César BANZATTI

Graduada em Letras, com habilitação em Espanhol, pela FATEA, no ano de 2012. Professora de Língua Portuguesa na escola E.E. Prof. Luiz de Castro Pinto.